

Resumo: Este estudo aborda os recursos da Língua Portuguesa disponibilizados na obra de José Paulo Paes, constituindo-se como práticas de linguagem e boa comunicação. Foram observadas as estratégias linguísticas para que se obtivesse sucesso no propósito comunicativo percebido em potencialidade criativa, provocando o ludismo verbal e chegando-se à arte da palavra. A estilística e a semântica são tomadas como suportes para a análise dos elementos linguístico-expressivos recorrentes que propiciam a literariedade em textos observados. Assim, comprovou-se que o amálgama entre os planos da língua colabora para construções de grande potencialidade poética, juntamente com o leitor, gerando verdadeiro ludismo verbal e, por sua vez, provocando mais jogos linguísticos, base de textos eficientes no processo de comunicação e expressão.

Palavras-chave: Ludismo verbal. Estratégias linguísticas. Eficiência comunicativa. Literariedade.

The verbal playfulness in José Paulo Paes' texts

Abstract: This paper is intended to discuss the features of Portuguese available in the work of José Paulo Paes, constituted as language practices and good communication. Linguistic strategies were observed in order for us to successfully accomplish the communicative purpose perceived in creative potentiality, which provokes verbal playfulness. Then, the art of word is reached. Stylistics and Semantics base the analysis of recurring linguistic-expressive elements, which promotes literariness in the texts observed. Thus, it was demonstrated that the amalgam amongst language plan for constructions of great poetical potentiality. Together with the reader, it generates true verbal playfulness which, in turn, causes more linguistic associations. This bases efficient texts in the expression and communication processes.

Key words: Verbal playfulness. Linguistic strategies. Communicative efficiency. Literariness.

Introdução

A língua, como linguagem, compreende a organização dos sons específicos com os quais se constroem as formas linguísticas, distinguindo-se, em cada sociedade humana, por possibilidades diferentes. Dessa realidade, resulta a falta de compreensão entre os usuários no que se refere à comunicação, quando não há descodificação. É preciso notar que existem interferências regionais, sociais, culturais e temporais, formando variantes, num verdadeiro amálgama expressivo. Constitui-se, a partir de certo grau de evolução, uma modalidade de uso chamada língua culta, mais elaborada, superpondo-se à língua cotidiana e dela se distinguindo por maior rigidez de normas gramaticais, por mais nitidez e constância em seus sons e por mais riqueza no léxico. Resumindo, segundo Câmara Jr. (2007, p.159), a linguagem é a

Faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua, que os organiza numa

REPRESENTAÇÃO compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior. (...)

A linguagem se realiza, em princípio, numa espécie de drama entre o FALANTE (a pessoa que a transmite) e o OUVINTE (a pessoa a quem ela se dirige) na base de um ASSUNTO (a parcela de representação mental que nela se consubstancia), (...)

A linguagem é uma faculdade imensamente antiga da espécie humana e deve ter precedido os elementos mais rudimentares da cultura material.

Não existe um limite preciso entre as variantes linguísticas, mesmo porque imanente à multiplicidade há, em compensação, principalmente no que se refere ao padrão culto, mais estabilidade; e ao coloquial e cotidiano, mais inconstância, este se sujeitando a pressões diversas às quais se submete. Registre-se que cada uma se presta a instrumentais de comunicação para o fim a que foram requisitadas. Por isso, ludismo, expressividade, compromisso com o ato comunicativo e com a língua são expressões inerentes à comunicação, constituindo-se como elementos que fazem dos usuários do sistema linguístico artífices da palavra, que instrumentalizam suas criações em perfeita inter-relação de elementos linguísticos, podendo, até mesmo, quebrar barreiras formais. Comprova-se com isso que expressividade, potencialidade e plenitude expressiva não se escondem em construções elaboradas e herméticas, mas se realizam por todos e para todos. Além do que é possível potencializar a eficácia do ato comunicativo a partir de escolhas primorosas fornecidas pelo repertório linguístico português.

Nesse espaço, o presente estudo se constrói, buscando encontrar elementos linguísticos que consubstanciam o constante e envolvente jogo de palavras e com palavras, ou seja, estas são a um só tempo instrumentos para o jogo e companhias no ato de jogar; servem como peças que possibilitam o ludismo e seu passaporte, levando usuários à participação e à cumplicidade. Há solicitação, há convite para participação em jogo que é, a um só tempo, simples na transmissão de mensagens e complexo em consubstanciar-se na variedade de fatores inerentes ao circuito comunicativo.

A obra de José Paulo Paes é produtiva de acordo com os recursos linguístico-semântico-expressivos, advindos da arte com a estética, do poder de envolvimento e da abrangência inerentes a ela. O autor resgata a sensibilidade linguística oriunda da escolha vocabular, do material gramatical disponível, da ordem das palavras nas frases e da sua musicalidade, consolidando o valor plural dos textos na percepção de mundo e na sua tradução por meio da língua portuguesa. Assim, o *corpus* para análise desses fenômenos formou-se por enunciados nomeados como textos adulto-infanto-

juvenis, aí residindo o poder de sedução que se instala no momento em que o leitor interage com os seus elementos constituintes. A personagem é alguém perto dele, leitor, o espaço e o tempo em sintonia da mesma forma, principalmente em relação às emoções e sentimentos. São relevantes a função do destinatário e a construção da mensagem objetivando sua descodificação, participando da construção do sentido, porque “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. (BAKHTIN, 2011, p. 271), ou seja, participante da elaboração do texto/enunciado.

O trabalho com as palavras torna-as atraentes e não mais objetos de prisão do pensamento, ao contrário, são peças de um jogo instigante, passível de participação de todos em suas várias faces: sintática, morfológica, semântica, fonética e mesmo na combinação delas. Os efeitos alcançados repercutem em emoções e desfavorecem a objetividade e o mecanicismo, distanciando-se das veleidades individuais. A linguagem é produzida de modo integral, observando-se suas possibilidades. As variações ocorrem segundo a elaboração da mensagem, dos conteúdos afetivos na construção linguística, como no poema: **Correção** - *Como dizia / aquele bem-te-vi que ficou míope: / “bem te via... bem te via...”* em que a poesia sobeja-se no manejo da língua e é resultado de fatos complexos e variáveis, porém acessíveis para quem se dispõe a trabalhá-los e a desvendá-los, como a flexão do verbo *ver* que propicia literariedade ao texto.

O cotidiano linguístico caminha junto aos recursos elaborados, o coloquial ao padrão culto; são rompidos limites impostos pelo tradicional e erudito em facções castradoras e guardiãs de valores artísticos rígidos e ultrapassados que só um trabalho eficiente, centrado na função poética é capaz de superar. Ao fato linguístico preso à objetividade e exclusivamente racional acrescentam-se matizes e qualitativos situacionais para se chegar ao leitor, mesclando língua, poeticidade, impressões subjetivas e aspectos emocionais, ou seja, os “enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.” (BAKHTIN, 2011, p.261). Comprovando-se, no fragmento seguinte, encontra-se em sintonia o modelo formal, na regência do verbo *pisar*; a metáfora, na caracterização da história – *descalça*; a mistura de imagens e sensações, em *cabelos despenteados pelo vento*; e o diálogo aberto com leitores estabelecido pelo pronome *lhes* e pela forma verbal *esperem*. Enfim, há integração entre os vários planos da

língua. Vou lhes contar uma história / meio sem pé nem cabeça / e que por isso não usa / nem sapato nem chapéu. / É uma história descalça /que gosta de pisar grama / e de sentir os cabelos / despenteados pelo vento. / Vou lhes contar uma história, / esperem só um momento.

Trata-se de um poeta que conhece o leitor, considerando-o como o mais exigente dos “letrados”, e trabalha a língua portuguesa, nas suas criações ou mesmo nas suas traduções, com rigor e comprometimento, que não desvaloriza ou hierarquiza qualquer variante ou aspecto linguístico. Sabendo usar todo o potencial expressivo de cada uma das variedades dialetais, regionais ou culturais, José Paulo Paes mostra que a qualidade não está presa a uma única vertente literária, ou a uma só modalidade de língua. Existe uma relação intrínseca entre a mensagem e a linguagem que a elabora, em harmonia, misturando os recursos de que a língua dispõe. “(...) o conteúdo/significado tem como expressão/significante, a linguagem. Ela é a forma que o autor utiliza para tornar pública, entendida e apreciada (ou não) sua história.” (PEREIRA:1999, p. 142)

É instigante, portanto, para qualquer especialista, a observação de trabalho na manipulação da língua portuguesa, principalmente, em relação a textos dedicados pretensamente a público infanto-juvenil. Há um requinte e cuidado com as palavras não visto em obras rotuladas de literárias. Indaga-se como a poesia aliada à linguagem cuidada, à complexidade literária, ao respeito pela palavra chega até o público-alvo sem desgaste ou hermetismo, aliciando e seduzindo a todos, leitores experientes ou não. Como José Paulo Paes consegue tal feito? A busca dessas respostas foi o mote principal deste estudo, porém o próprio autor já as prenuncia quando declara que seus textos são para *crianças e adultos inteligentes*.

O culto à língua portuguesa transfere-se ao leitor, não encarado como incapaz ou distante; ele é o objetivo e entra em sintonia com a obra e o autor, formando um elo harmonioso, consubstanciando-se com o pensamento de Bakhtin (2011): a linguagem e o pensamento, constitutivos do homem, são necessariamente, intersubjetivos. Ou seja, subjetividades em interação. Veja-se o texto seguinte de José Paulo Paes:

É ISSO ALI

Poemas adulto-infanto-juvenis

O palavrão meio complicado logo abaixo do título deste livrinho quer simplesmente dizer que, como os programas livres da televisão e do cinema, os poemas aqui reunidos são para ser lidos tanto por gente pequena e gente média como por gente grande. O adulto que não se diverte em ser de vez em quando, criança ou jovem, novamente, é um

chato. Assim como a criança ou o jovem, que seguindo o exemplo daquele horrível Peter Pan, não quer nunca ser adulto torna-se monstrinho.

Quanto ao título do livro, ele visa a mostrar que a poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado.

A adequação da língua ao seu usuário ou à intenção expressiva acontece de modo claro, o foco está no leitor da realidade e das palavras. O que é lido ou escrito depende, além dos observadores, dos objetos referentes, aqueles assumindo o papel de coautores, de participantes da criação, do ludismo e do prazer. No processo de construção poética, a palavra é trabalhada com muita seriedade, sendo relevantes todas as regras e os respectivos desvios para se chegar à expressão. Há conjugação de elementos, encaixando fenômenos aparentemente diversos em autêntico mosaico de literariedade. Tal fato serve ao crescimento do leitor, levado à constante reflexão acerca de posicionamentos em relação à vida e ao mundo real no qual se insere.

A função social da linguagem é instaurada com a poética, em suas possibilidades e amplitude semântica. Com maturidade, temas hodiernos, como a problemática da existência humana, são trabalhados sem cunho moralista ou enfadonho, o exercício criativo enobrece a língua da qual dispõe para a elaboração de textos, uma vez que a eleva no momento que destaca a pluralidade de valores em sustentação ao conteúdo transmitido.

Seria por isso que a cidade se chamava Olho d'água? Quem não tinha dinheiro quase que precisava dar um olho em troca de um copo d'água. Você que tem água à vontade na torneira da sua casa nem imagina como ela é valiosa. Vale mais do que ouro. Já experimentou beber ouro para matar a sede?

Assim, a língua, poderosa elaboração cultural, é respeitada, não usada como objetivo em si mesma, mas como passaporte para a interferência em todos os aspectos da vida do homem. A maestria no trabalho com as palavras revela sensibilidade e intuição para as elaborações no aproveitamento de recursos que o sistema oferece. Além disso, a transparência está aliada à desmistificação de que apenas o modelo culto é relevante para a arte com as palavras. O aprimoramento na lida com elas dá aos textos plenitude em inovações na linguagem, revelando um mosaico instigante no que se refere às potencialidades da língua portuguesa.

1. Pressupostos teóricos

As palavras são instrumentos nas mãos produtivas de José Paulo Paes que sabe explorá-las com propriedade, sem pedantismos e construções redutoras que se mostram enfadonhas e inacessíveis. Exatamente pela pluralidade dos valores dados a elas, são possíveis enfoques plenos nos mais distintos fatos expressivos, uma vez que nenhum aspecto é observado isoladamente ou como mais intenso que outro. São, ao contrário, relevantes ao conjunto, mostrando o constante dinamismo presente na comunicação humana, principalmente em relação à língua. Assim, no processo de análise dos fenômenos selecionados, contemplaram-se ciências imbricadas no estabelecimento do ludismo verbal – a estilística, a semântica, a sintaxe, a fonologia e a lexicologia.

1.1 A Estilística

Estilística é a disciplina que estuda a expressividade da palavra, isto é, a capacidade de sugerir transmitida por recursos fônicos, morfológicos, associações significativas e construções sintáticas. Desse modo, relaciona-se sobremaneira com a intenção do estudo, uma vez que os fenômenos observados interessam como interferentes de modo inusitado na elaboração da mensagem, distanciando-se da denotação imanente à comunicação objetiva.

O estudo estilístico, referindo-se ao trabalho com a linguagem, abarca diferentes acepções, como a preocupação na análise de cada obra sendo fonte de características particulares que ultrapassariam os limites do tempo e dos textos possibilitando a identificação do autor. Assim, o estilo não se distancia da noção mais abrangente que tipifica a maneira de se expressar linguisticamente, individualizando cada um a partir da linguagem, decorrente do impulso emotivo e intencional de sugestibilidade visando a manifestar ou transmitir sentimentos. O afastamento constante da normalidade, com traços gramaticais excepcionais, mas que não objetiva a expressividade é indiferente ao estudo estilístico, caracterizando variação linguística e não especialidade emotiva. A determinação do limite entre o fato estilístico e a normalidade da variante regional, social ou cultural, ou mesmo ao gramatical, é, muitas vezes, difícil, tornando imprecisos os estudos acerca do tema. Vejam-se as palavras de Bakhtin (2011, p. 269)

A gramática (e o léxico) se distingue substancialmente da estilística (alguns chegam até a colocá-la em oposição à estilística), mas ao mesmo tempo nenhum estudo de gramática (já nem falo de gramática normativa) pode dispensar observações e incursões estilísticas. Em toda uma série de casos é como se fosse obliterada a fronteira entre a gramática e a estilística. Há fenômenos que uns estudiosos relacionam ao campo da gramática, outros, ao campo da estilística. (...)

Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: (...) Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico.

Os fenômenos da linguagem, dessa maneira, são objetos de estudo e de detecção em ocorrências constantes e reveladoras de informações mais precisas sobre obra e criador, denunciando tendências gerais e, portanto, caracterizando-se como estilo de cada autor. Na definição de estilo, sustenta-se o foco de observação da estilística, acrescentando que

(...) dos teóricos da Estilística, alguns só consideram o estilo na língua literária, outros o consideram nos diversos usos da língua; alguns relacionam o estilo ao autor, outros à obra, outros ainda ao leitor, que reage ao texto literário; alguns se concentram na forma da obra ou do enunciado, outros, na totalidade forma-pensamento. (MARTINS, 2008, p. 2)

Porém, a preocupação deste trabalho não se centra na busca de definição de estilo, mas em analisar os elementos linguísticos, operacionalizados na obra, objetivando o ludismo verbal, segundo aspectos afetivos proporcionados pelo conjunto formal disponível, “a serviço da vida humana, língua viva, espontânea, mas gramaticalizada, lexicalizada, e possuidora de um sistema expressivo (....)” (MARTINS, 2008, p. 3). As possibilidades expressivas da língua portuguesa ultrapassam a função puramente denotativa da linguagem e desvencilham-se de propósito normativo. Conforme Monteiro (2009, p.8):

O enfoque estilístico não se detém, pois, no simples inventário das possibilidades de escolha ou na sistematização de fórmulas para se atingir o plano da expressividade. É também a compreensão de que a linguagem pode ser recriada em cada enunciado, sem que isto lhe represente uma mutilação, mas, ao contrário, seja um fator de sua expansão e enriquecimento.

Os elementos capazes de despertar conteúdos emotivos, de exteriorização psíquica ou apelo, aqueles que expressam os fatos da sensibilidade por meio da linguagem e, ao contrário, a ação dos fatos linguísticos sobre a sensibilidade, de

emprego consciente e voluntário pelo autor, identificam-se como poetização do sistema e, portanto, de valor efetivo para a pesquisa. Porém, a complexidade da linguagem humana traz dificuldade a qualquer análise que vise à delimitação de fronteiras nítidas acerca do que é ou não fenômeno expressivo, que amplia o sistema como manifestação primordial do pensamento humano. “Dir-se-ia um desses blocos de cristal irregular e multiplamente facetados, cujos efeitos prismáticos dependem do ângulo de observação escolhido.” (CÂMARA JR., 2004, p. 3)

Paralelamente à comunicação objetiva nos enunciados linguísticos, elaboram-se, frequentemente, intencionalidades e desejos de interferências no destinatário, levando matiz qualitativo àquela. O fato, especificamente abordado, interessa na função subliminar, perpassando a materialidade que exclui os sentimentos pessoais. Ao contrário, é esse que traz o interesse como princípio fundamental da análise, interpretando-o em todos os compartimentos da língua, assegurando-lhe a eficácia resultante de dados complexos e variáveis, trabalhados pelo autor em suas obras e, neste estudo, garimpados.

1.2 A Semântica

Semântica é o estudo do significado. Aquele que focaliza a significação, concentrada no radical e demais constituintes morfemáticos, possibilita resultados parciais e insuficientes, uma vez que existem inúmeros empecilhos na ambientação textual e extratextual interfrentes em análises semânticas. Contraditoriamente, os próprios empecilhos são sustentáculos da ciência e a tornam um dos domínios mais fascinantes da linguagem.

Os estudos acerca do significado não se fixam exclusivamente no observável das formas linguísticas e seus constituintes, residindo também nos mecanismos imanentes particulares que cada língua possui de correlacionar os processos gramaticais ou construção do sentido. Assim, a Semântica tornou-se componente das análises linguísticas, porém tendo que superar o seu principal desafio – o estabelecimento do ponto de observação.

As dificuldades na investigação científica residem, principalmente, na “amplitude e complexidade inerentes aos fenômenos relativos ao significado e decorrem do tipo de tratamento que a semântica tem recebido nos estudos linguísticos.” (MARQUES, 2010, p. 7). O aparato teórico da Semântica distancia-se demasiadamente da descrição dos fatos observados na prática do estudo sobre as

possibilidades significativas na língua e em seus elementos, fragmentando e tornando as questões de sentido insuficientes à objetividade e à coerência relativas ao científico. Ainda segundo Marques (2010, p. 10),

Diante desses dados, temos de admitir que à simplicidade da observação de que as línguas são mecanismos de veiculação de informações, porque as formas linguísticas são sinais sonoros portadores de sentido, não corresponde igual simplicidade na determinação do que seja esse sentido ou do modo de estudá-lo, em termos objetivos e coerentes.

A partir da constatação da impossibilidade de se delimitar o objeto de estudo, ciência em questão, a um só tempo, comprova que linguagem é significação e demonstra a insensatez em se querer exatidão unívoca do fenômeno das possibilidades de sentidos. Isso porque a evolução dos significados traz consigo traços que provocam e exploram os próprios desvios – a linguagem figurada, a hipersemantização, as metáforas, as metonímias e os mais variados processos que condicionam a significação como fato momentâneo em cada fenômeno linguístico. Dessa maneira, o rigor científico sujeito à comprovação e repetição prática, muitas vezes, não se torna real no que tange à observação semântica, concentrando-se em nível teórico e abstrato distante de análises às quais se submeteram outras faces do sistema linguístico como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. A Semântica, como ciência do significado, tem variados problemas e os modos de tratá-los também não apresentam uniformidade, gerando por isso mais instabilidade e fluidez nas observações significativas.

Porém, a complexidade inerente à questão neutraliza-se por meio da observação dos fenômenos significativos na prática pela qual as palavras passam a existir. Quando abandonam o estado de dicionário e assumem conotações, mudam de significado por princípios naturais ou por interferência criativa do autor, ampliando ou reduzindo o seu campo semântico. Assim, a significação perpassa todos os fatos da língua, caracterizando principalmente os aspectos afetivos por meio da elaboração estética de um enunciado. Por essa razão e por se tratar o significado de um dos termos mais complexos para se estabelecer um conceito preciso, foi utilizado como uma hipótese de trabalho, segmentada em suas funções componentes, definidas segundo a utilização expressiva em vários contextos apresentados. Justificando a linguagem

(...) entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: criatividade (ou enérgeia), materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade.

(...) Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico. (BECHARA, 2011, p. 29)

Desse modo, apesar das incongruências inerentes ao significado, não é verdadeiro qualquer estudo linguístico que exclua uma abordagem semântica e suas imbricações mais específicas, pois se trata de elemento básico a qualquer língua. Muitos fenômenos semânticos podem ser estudados com objetividade integrando o problema às demais faces do sistema linguístico que, como elas, é imanente a este, visto que

(...) a linguagem é uma força de tal modo central na vida humana, e o significado um fator de tal modo central na linguagem, que as ramificações da semântica são virtualmente ilimitadas. É esta universalidade que dá ao estudo do significado o seu extraordinário valor educativo. (ULLMANN, 1987, p. 549)

A linguagem em sua função representativa nomeia os seres, as ações, os sentimentos, as ideias, as emoções, porém não existe correspondência inequívoca entre a representação linguística e a realidade nomeada, fato mais agravado pela fluidez inerente à linguagem, criação do homem e, portanto, em constante dinamismo como ele. A idealização de correspondência unívoca objeto / nome não é concretizada, principalmente, pela relevância do elemento que transita, frouxo, entre o mundo real e o linguístico, o significado. E mais: "só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado, gera a centelha da expressão: esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós."(BAKHTIN, 2011, p. 292).

O estado de incerteza quanto ao valor significativo reporta-se ao sentido, que é, "pois, a realidade que aparece na prática da linguagem, como fato complexo e variável." (MARTINS, 2008, p. 78). O significado preserva a constância e comunicabilidade, impedindo o emprego arbitrário das palavras, que trazem um núcleo convencionado, assegurando uma estabilidade relativa necessária para a compreensão mútua na língua. Ainda para Martins (2008, p. 78), "Os diferentes significados móveis e cambiantes, os significados figurados, por exemplo, se desenvolvem a partir do significado central e fundamental, que é estável e cimenta por isso os outros significados secundários da palavra."

1.3 Representação linguística

Os seres reais representados pelos elementos linguísticos são as bases de todo o processo comunicativo, principalmente quando a intenção maior é a representação de universos abstratos que procuram retratar sentimentos, ideias, sensações de uma realidade subjetiva e sujeita a variadas interpretações. A não correspondência objeto / nome possibilita, incoerentemente, a maior evocação das impressões mais distantes da objetividade, muitas vezes, redutora do processo criativo imanente ao homem. Assim, a distância entre o universo linguístico e a realidade concreta é causadora de efeitos que provocam o espírito e a imaginação, despertando sensações e mostrando o poder de um sobre o outro. Não raro o nome é mais relevante, expressivo e suficiente do que o próprio objeto nomeado, a abstração mais eficaz e atuante na comunicação do que o real, como pode ser notado no próprio texto de José Paulo Paes: *Engraçados os nomes. Nem sempre se parecem com as coisas. Por exemplo: por que chamar de **calçada** a parte da rua onde a gente anda, se essa parte da rua não usa sapato nem calça? Em compensação, há palavras que precisam ser inventadas. Por exemplo: **saciedade** para quando a gente quiser uma sociedade só de sacis, ou **pailhaço**, quando a gente quiser falar do pai do palhaço.* no qual é instaurada a reflexão do autor acerca de tema discutido na própria obra – parêntese feito para abordagem mais direta autor / leitor diante de interrogação apresentada na realidade textual. Considerem-se as palavras de Bréal (1992, p.123),

(...) não há dúvida de que a linguagem designa as coisas de modo incompleto e inexato. Incompleto, porque não se esgotou tudo o que se pode dizer do sol quando se disse que ele é brilhante, ou do cavalo quando se disse que ele corre. Inexato, porque não se pode dizer do sol que ele brilha quando se escondeu, ou do cavalo que ele corre quando está em repouso, ou quando está ferido ou morto.

A linguagem informal também se utiliza da metáfora, uma vez que a distância entre as imagens criadas cotidianamente e as mais elaboradas, retratos da poeticidade de um texto, reduzem-se devido ao emprego exagerado no primeiro processo metafórico em confronto com o emprego restrito no segundo. O questionamento parte do pressuposto de que seria esperado que as palavras refletissem os seus significados pelos significantes e que os possíveis sentidos se aproximassem em seus campos semânticos. Assim, o problema reside na determinação do sistema linguístico como de caráter eminentemente natural, existindo correspondência intrínseca entre som e sentido. Ou a linguagem resulta de

tradicionalismo e convenção no estabelecimento do significado, oriundo de uma espécie de retrato exato do significado; ou é transparente, quando é possível, a partir da massa sonora, depreender-se o conteúdo semântico.

A reflexão do autor traz para o texto questionamentos pertinentes a áreas do conhecimento muito restritas, mas que não estão distantes do universo do leitor. "(...) todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes." (ULMANN, 1987, p. 169). Especificamente, tratando-se da palavra *calçada*, é relevante que não exista analogia perfeita entre os universos linguístico e extralinguístico. Acontece, muitas vezes, incompatibilidade entre representante e representado, havendo confusão e, até mesmo, homonímia entre as formas, ora transparentes, ora opacas em conjunção a verdadeiras onomatopéias que flutuam devido à motivação linguística.

A argumentação inicial do autor corrobora o convencionalismo da língua, uma vez que mostra a não correspondência da palavra em questão com *sapato* ou *calça*. Inicialmente, comprova-se a inexistência da motivação linguística e, conseqüentemente, das formas transparentes, porém, a partir de sondagem e posterior comparação entre os sentidos estabelecidos pelo dicionário, aparentemente incompatíveis, é possível perceber analogia entre elas, por meio da associação das ideias. Os sentidos oriundos da mesma palavra *calçada* podem ser reportados a um campo semântico comum, "(...) os campos semânticos são constituídos por palavras que pertencem ao mesmo universo de significação, enquanto os campos lexicais são palavras que constituem um grupo de derivação ou palavras cognatas em consequência de uma raiz comum." (VALENTE, 2001, p. 57), além de a forma ter a origem verbal, *calçar*. Existem, dessa maneira, os mesmos traços comuns na significação e na base etimológica.

Ambas as formas, a citada graficamente e aquela para a qual é possível remissão a partir do significado, têm em comum a relação com o ato de revestir. A *calçada* é a parte da rua revestida de pedras e as calças ou sapatos são peças do vestuário usadas para cobrir partes do corpo, especificamente, as pernas e os pés. As possibilidades semânticas são usadas como instrumentos para a construção textual, pois, seguindo essa primeira abordagem acerca do convencionalismo linguístico, é possível chegar-se, mesmo que por via indireta, ao transparente na língua, uma forma motivada. "A motivação pode residir quer nos próprios sons, quer na estrutura morfológica da palavra, quer no seu fundo semântico." (ULLMANN, 1987, p.171).

Assim, o sentido pode afastar-se dos originários, porém não de modo tão marcante que impossibilite a remissão aos constituintes para a leitura significativa da nova forma, mas é suficiente para a construção do conteúdo semântico introduzindo, nos antigos elementos, valores evocatórios na significação dos vocábulos. É possível a apreensão dos sentidos das palavras *saciedade* e *pailhaço* por seus elementos *saci / idade; pai / lhaço*.

Na língua, existe um processo combinatório em que entra em sintonia a realidade linguística e a extralingüística, porque "as palavras têm uma estrutura dualista, simplesmente porque são signos." (ULLMANN, 1987, p. 129). Há, na linguagem, a representação compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior, estabelecendo-se desse modo a significação integral dos elementos. "A forma linguística é uma relação entre a sua significação ou SIGNIFICADO, e o corpo fonológico que dá a significação, ou SIGNIFICANTE." (CÂMARA JR. 2007, p. 21)

Assim, os significados surgem devido ao processo representativo, acontecendo, frequentemente, a não correspondência ideal entre representado (objeto real) e representante (símbolo linguístico). A capacidade da palavra em funcionar para manifestação psíquica dependendo de impressões emocionais distancia-se da neutralidade, propiciando mudanças de natureza semântica, provocadoras da instabilidade no conjunto representante / representado. "A significação linguística é em princípio fluida e pressupõe a polissemia; ela só se precisa a rigor dentro de um contexto linguístico." (CÂMARA JR. 2010, p. 218)

1.4 A palavra

Existem muitas definições que procuram determinar com exatidão o termo palavra. Pelas diferentes funções que desempenham no discurso, tornam-se umas mais importantes do que outras, dependendo do enunciado. Assim, encontram-se subordinadas à hierarquização em escala de valores expressivos, responsabilizando-se pelo sentido da frase ou pelo processo de estabelecimento da relação entre as ideias. As responsáveis pela transmissão de conteúdos semânticos são consideradas, muitas vezes, mais relevantes ao enunciado do que os elementos conectores ou determinadores delas.

Além da distinção que abarca os aspectos funcional e semântico, a definição também pode sustentar-se por limites fonológicos ou gráficos ou morfológicos,

estabelecendo-se neles a diferença entre palavra e vocábulo. Formalmente, considera-se palavra a unidade portadora de radical, possuindo por isso referente extralinguístico e constituindo-se uma forma livre ou lexema. Fonologicamente, essa realidade pode mudar, uma vez que o conceito de forma livre ou presa baseia-se na realidade sonora. Para Câmara Jr. (2007, p. 186), "Há teóricos que não restringem o termo palavra aos vocábulos de semantema, nominal ou verbal, mas o empregam em vez de vocábulo, em geral reservando este último termo à forma livre ou dependente encarada apenas na fonação, como significante."

Devido à imprecisão conceitual, os termos palavra e vocábulo, muitas vezes, são intercambiáveis, consubstanciando a pluralidade de definições e enfocando, cada uma, aspectos distintos da mesma unidade linguística. Por essa razão, neste estudo, não há a preocupação em adotar precisamente um conceito, sendo irrelevante para o que se pretendeu. Em momentos oportunos, serão desvinculados os aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos ou semânticos para focar o fenômeno analisado, observando-se o ludismo verbal. Note-se também o pensamento de Bakhtin (2011) que considera a palavra "sem dono", ela é uma unidade da língua e "é de ninguém" e, na expressão, pode-se tornar enunciado: "Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra mas um enunciado acabado expresso por uma palavra" (...) (p. 290)

A limitação da realidade sonora, morfológica e semântica das formas linguísticas é desprezada, surgindo apenas a distinção entre vocábulos formais e vocábulos fonológicos, ambos potencialmente significativos, com sentido instaurado no contexto e confirmado a cada leitura. Os elementos podem unir-se fonologicamente criando novas formas, com outros significados. As palavras constituem grupos de força, ou seja, um conjunto de formas em sonoridades subordinadas a único acento tônico, funcionando como elementos únicos e coesos, portadores de significado e de sentido. Essa potencialidade é bastante explorada nos fragmentos seguintes dos poemas *Até*, *Dicas de viagem*, *Cemitério* e *Dd*:

- *Até*: Um homem do bairro de Copacabana / só comia fruta de casca dura.
- *Dicas de viagem*: Se for para o Canadá / nem pense em beber garapa: / no Canadá nem cana dá.
- *Cemitério*: Aqui jaz um morcego / que morreu de amor / por outro morcego: / amor cego, o de morcego.

1.5 A escolha lexical

No processo de escolha lexical, está imanente a seleção de palavras e a operação de organização em variados empregos, provocando valores e recursos expressivos subsequentes. "(...) de uma pluralidade de meios de expressão alguém consegue de repente encontrar a frase ou a palavra que mais sintoniza com o contexto ou situação, que surpreende e encanta, que gera um acúmulo de evocações." (MONTEIRO, 2009, p.48). Os elementos selecionados e suas combinações fazem parte de um jogo em que, a partir de um número finito de regras, é possível a criação de muitos enunciados, acarretando efeitos e acumulando evocações. "Qualquer que seja a coisa que pretendemos dizer, há apenas uma palavra para exprimi-la." (CRESSOT, 1980, p. 56).

A escolha pressupõe conotações especiais porque as palavras trazem em si e nas relações que estabelecem na frase possibilidades semânticas anteriormente não experimentadas. Ao mesmo tempo em que determinam o sentido do enunciado, são influenciadas, devido à ambientação textual construída pelo autor, provocando efeitos e impregnando a obra de literariedade. A noção que se transmite através de determinada palavra pode ter com ela relação de sucesso ou fracasso. Ainda citando Cressot (1980, p. 57), "Apesar das revoluções literárias, as palavras não podem, a menos que acidentalmente, ou em utilizações burlescas, livrar-se da lei que as rege: a adaptação, nos planos social e estético, às circunstâncias e ao tom geral."

A escolha lexical chega particularmente ao texto provocando valores sugestivos e, conseqüentemente, muitas vezes, imprecisos ou imprevistos, que levam à intensidade de emoções. A partir do processo seletivo, existe um acúmulo de noções que podem ser nomeadoras de ideias que subjazem a ele, o que dá ao texto qualidade única, transformando-o em um complexo semântico distante da rotina linguística disponibilizada pela língua. As palavras escolhidas trazem tons cambiantes conforme a amplitude de sua significação emprestada ao texto, reproduzindo conteúdo comum ou metafórico e retratando impressões além do cotidiano informativo. "A língua utente é rica quando lhe permite dizer tudo o que tem a dizer, com o máximo de plenitude." (CRESSOT, 1980, p. 82). A resolução do problema expressivo está presa à utilização do léxico disponível, marcando a preferência do autor que se liberta de coações impostas pela previsibilidade, deixando lacunas a serem preenchidas pelo leitor, em sua tarefa responsiva (BAKHTIN, 2011).

O manejo de palavras e sua adequação à expressão do pensamento e das emoções de maneira fiel possibilitam maior assimilação da mensagem, provocando a constatação de que há intrínseco relacionamento entre o sucesso da comunicação e a escolha vocabular, revestindo de sentimentos as camadas linguísticas que os valorizam. "As próprias impressões colhidas em constato com o mundo físico, através da experiência sensível, são tanto mais vivas quanto mais capazes de serem traduzidas em palavras." (GARCIA, 2011, p. 155)

Na polissemia e polivalência das palavras sustenta-se a semântica do enunciado, apesar de ser o próprio contexto que lhes fixa, mesmo que momentaneamente, um valor singular liberto de todas as representações passadas, valorizando o seu emprego e atuação. Apesar de imanente a elas o núcleo significativo estável, o empréstimo ao contexto torna mais pitorescas as ideias trabalhadas em conotações diferentes. São escolhidas livremente, desconsiderando-se as estruturas fixadas pela língua, podendo uma infinidade de vocábulos ocuparem o mesmo lugar. Com a determinação de cada espaço pelo autor, obtém-se a diferenciação necessária para tornar o trabalho mais ou menos eficaz no que se refere à valorização da mensagem como expressão de ideias e sentimentos, distantes, portanto, dos usos esperados que se limitam à transmissão quase mecânica de conteúdos objetivos e racionais.

A estrutura semântica dos enunciados está, dessa maneira, em relação constante com a precisão vocabular selecionada na obra. As opções são múltiplas, porém suas aplicações serão cuidadosas e propiciadoras da especialidade significativa ao texto, se não, existe a probabilidade de torná-lo vulgar e isento das lacunas semânticas que dão ao leitor o direito de sentir-se como elaborador de sentido. A sugestão do autor deve ser encarada como tal e não como determinação limitada e redutora do plano da imaginação. É nos campos deixados incompletos, nas ideias, sensações e sentimentos inferidos que se encontra a poeticidade. Ullmann (1987, p. 501) ratifica que "O campo é por definição aberto, e algumas das associações estão condenadas a ser subjetivas, embora as mais centrais sejam em larga escala as mesmas para a maioria dos locutores."

2. Metodologia

A adequação da língua ao seu usuário ou à intenção expressiva acontece de modo claro quando o foco está no leitor da realidade e das palavras. O que é lido ou

escrito depende, além dos observadores, dos objetos referentes, aqueles assumindo o papel de coautores, de participante da criação do ludismo e do prazer. No processo de construção poética, a palavra deve ser trabalhada com muita seriedade, sendo relevantes todas as regras e os respectivos desvios para se chegar à arte. Há conjugação dos elementos, encaixando fenômenos aparentemente diversos em autêntico mosaico de literariedade. Tal fato serve de ponto de partida para observação acurada dos fenômenos linguísticos provocadores de ludismo verbal em textos de José Paulo Paes. Segundo ele (1996, p. 24), “o poeta tem de descobrir o tom certo para interessar seus pequenos leitores. Um tom que seja ligeiro sem ser vulgar ou adocicado, que seja aliciante sem ser sentimental ou moralizador.”

Por isso, pretendeu-se estudar as construções que o sistema linguístico português potencializa para o processo criativo de José Paulo Paes, comprovando-se a ocorrência de jogo em construções que se instalam no trabalho com as palavras, em seu âmago, em suas formas e relações. No processo de elaboração das imagens, se não houver a eficiente manipulação do código, elas se perdem, impossibilitando a decodificação e transformando-se a escritura em desastre. Homenageia-se a expressividade quando se é capaz de unir o real ao conotativo, distanciando-se do rebuscado e hermético. Ligando-se à emoção do leitor sem se esquecer do objetivo primeiro da língua, que é a comunicação, chega-se a efeitos surpreendentes por meio de fatos corriqueiros e simples. As barreiras da especificidade e adequação da obra para determinado público são desfeitas, independentemente da idade ou nível cultural, acontecendo identificação com o texto, apreciado por todos que o leem.

Assim, os textos foram analisados à luz de conceitos de variados estudiosos referidos na seção anterior em suas ocorrências, selecionadas a partir da valorização enquanto vinculadas ao estudo semântico-literário. Procurou-se reiterar o valor da obra alicerçada em conhecimento linguístico e voltada sempre para a relação enriquecedora que pode surgir entre leitores e autores que, como José Paulo Paes, “são verdadeiros artífices da palavra, trabalhando-a arduamente, garimpando, na infinita gama de possibilidades linguísticas, aquelas que vão instaurar o toque mágico que abrirá corações e mentes.” (PEREIRA, 1999, p.143). Nessa possibilidade e potencialidade do método, a pesquisa se instalou. Em textos dedicados pretensamente ao leitor infanto-juvenil, buscou-se também *garimpar* os elementos da língua portuguesa que proporcionaram o ludismo verbal, a produtividade semântica, enfim o enriquecimento da mensagem.

Registre-se que a proximidade entre os fatos linguístico-expressivos encontrados, devido principalmente, à falta de linha limítrofe entre eles, trouxe dificuldade às análises bem como a algumas classificações. Dessa maneira, enfatiza-se que a nomenclatura e delimitação dos fenômenos analisados é pessoal e questionável, sem qualquer rigidez. Também é importante marcar a impossibilidade de se estabelecer o término para o trabalho que não tem pretensão de esgotar a análise, o que quebraria sua principal hipótese. O estudo procurou eleger fenômenos para observação, mesmo que com escolha de cunho pessoal, ficando patente que a questão é limitada por aspectos práticos e formais inerentes à pesquisa.

Num exercício de cuidada garimpagem, reiterando, selecionaram-se os fatos mais expressivos e relevantes, não desprezando aqueles que, mesmo surgindo como hápax, teriam valor para o estudo em questão. Seguindo o primeiro levantamento, fez-se uma revisão e o posterior agrupamento em fatos semelhantes, apesar da dificuldade em colocar rótulos ou identificar conceitos específicos, uma vez que se sabem sempre imbricados. Existem inúmeros fenômenos que não se prendem apenas à fonética, à morfologia, à sintaxe ou à semântica, sendo, em sua maioria, um mosaico, entrelaçando-se e enriquecendo-se mutuamente. Fica registrado, no entanto, que o enquadramento, muitas vezes, deveu-se à escolha pela caracterização e afinidade com dado campo linguístico, levando-se em conta a identificação com o objetivo do estudo e o foco do tópico em questão. A relevância dos fenômenos não se limita ao trabalho, porque, além dos encontrados neste estudo, ficaram à espera de futuras análises outros tantos fatos significativos, como nas questões relacionadas à versificação, à rima que exigiriam análise do aspecto fônico mais acurada. O que não foi objetivo deste trabalho. A seleção foi segundo uma abordagem semântico-estilística, visto que os fenômenos abordados sempre se relacionaram às questões inerentes à semântica e à estilística.

3. O ludismo verbal

O material encontrado na obra de José Paulo Paes referente a transformações e alterações nas formas linguísticas como fatores determinantes de valor expressivo e que trazem ao texto maior carga emotiva é inesgotável. A palavra em todas as suas faces – fonológica, semântica e morfológica – bem como as diferentes variantes linguísticas e o espaço em branco, o concreto, são significativos e usados como instrumentos representativos de emoções e sentidos inesperados. O ambiente físico

do texto e a constituição das palavras interferem no ludismo e, a um só tempo, o constroem e o potencializam.

3.1 A partir dos sons

Mesmo quando a intenção não é a descaracterização da palavra, constata-se a relevância dos elementos formadores no estabelecimento do significado. É o que se nota no poema seguinte, fragmento de obra, explicando as letras que compõem o alfabeto. No caso específico, a letra H assume valor renovado como componente na construção de *filha*, *malha* e *manha*. Há, rigorosamente, a representação da realidade que se efetiva por meio da visão estática e formal das palavras, apesar de estar permeando aspecto fonológico como o estabelecimento dos dígrafos consonantais, lh, nh, evidenciando o amálgama que é a língua em seus elementos formadores – fonológico, morfossintático, semântico – causando um inegável efeito expressivo que não pode ser desprezado. *É com H /que a filha sai da fila / que a malha sai da mala. / Com H a mana faz manha.*

As palavras em companhia da letra H conseguem efeitos que sozinhas seriam incapazes de construir. Em associação com outras letras, revelam complexidade semântica, prestando-se à valorização da língua em suas especificidades, possibilitando a mesclagem entre som (fonema e dígrafos) e representação gráfica (letras L, H, N), exemplificando como acontece na prática. O mesmo acontece com a letra L no poema seguinte, apenas com a diferença de que ela, isolada de outra consoante, constitui fonema na língua portuguesa – não é muda ou diacrítica como o H. A partir de sua junção a formas já existentes na língua, impregnadas de significado, acontecem transformações muito relevantes como a da nota mi em 1000, a uva andar de luva, cabra descobrir o Brasil: *O L é uma letra louca. / Transforma a nota mi em 1000 / e faz a uva andar de luva, / cabra descobrir o Brasil.*

O jogo não está preso a significantes, sons e constituintes formais, ou a significados. A forma das palavras construídas graficamente por suas letras é o objeto que será transformado e levado à intencionalidade desejada pelo autor. A ambiguidade assessora a produção e cria um ambiente favorável para que se processem no leitor as impressões sugeridas no texto: “nota (mus.) sinal para representar o som e sua duração; ou papel que representa dinheiro.” (FERREIRA, 2005).

3.2 A partir das formas

As palavras são recriadas com a função maior de extrapolar a sua significação primeira ou dar-lhe nuances novas e especiais. Trazem sensações que se originam de sua materialidade formal, ou seja, de sua constituição morfemática, que tem função, além da significativa no âmbito de categorias gramaticais e lexicais, de sugerir emotividade, contaminando o ambiente textual.

Os elementos de formação vocabular podem ser centros de carga afetiva, encerrando significação, tornando-se produtivos para a criatividade. “Valem por seu efeito de momento, como uma comparação ou uma metáfora, e, como elas, não visam a radicar-se na língua, senão a executar uma tarefa expressiva no discurso.” (CÂMARA JR. 2004, p. 61). Acontece, a todo momento, a transformação do material já existente para fins ainda não utilizados, contribuindo para o significado geral, mesmo que suas funções estejam primeiramente relacionadas à morfologia, muito mais do que à semântica.

As alterações ocorridas nas palavras envolvendo estruturação morfológica ou mesmo apenas as letras esbarram no limite da correção e José Paulo Paes lança mão desse fato ao estabelecer o conjunto significativo do enunciado. Há acréscimo, diminuição, repetição de elementos contrapondo-se à forma original. A criação inovadora sempre ressalta o aspecto material dos significantes e a sua organização interna, chegando-se às ideias. Os mecanismos existentes na evolução do sistema linguístico de supressão, adjunção, alternância de elementos na forma dos vocábulos são processos correspondentes às transformações utilizadas como recursos de sentidos das palavras, que se desfiguram em suas estruturas. “Assim, os escritores não fazem mais do que aproveitar os mecanismos existentes nos sistema linguístico, para alterar as construções morfológicas com intenção estilística. A nosso ver, sobretudo no sistema aberto da língua, as possibilidades de alteração ou criação são inesgotáveis.” (MONTEIRO, 2009, p.30)

A morfologia é a parte mais resistente do sistema linguístico às alterações devido ao seu caráter estático e portador de categorização gramatical. Subordina-se aos preceitos flexionais que, por sua vez, reportam-se ao estrutural e manifestam mais claramente a gramática, permitindo, assim, poucos desvios ou inovações. José Paulo Paes sujeita a resistência do idioma às necessidades de caráter expressivo, não se prendendo aos limites do gramatical.

Diferentemente das palavras-valise em que “duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra sua parte inicial.” (ALVES, 2007, p.69), no poema, as palavras são desfeitas e refeitas e, em ambos os momentos, possuem conteúdo significativo, ou como uma única forma ou como um sintagma. O efeito produzido dá ao texto, além da entonação devida à repetição de fonemas, reforço ao seu caráter questionador, uma vez que se trata de perguntas a serem respondidas e não o são, instalando a dúvida e a insegurança quanto à questão maior e quanto ao sentido das palavras que o constroem. Veja-se o poema *Será?: Será que enforcado / concorda com corda? / Será que há saltimbanco / em assalto a banco? / Será que comporta / comporta porta? / E será que bem-te-vi / vê bem TV?*

3.3 A partir dos conteúdos

A abordagem acerca do conteúdo enfoca as possibilidades de criação embasadas no significado das formas linguísticas, incluindo os campos semânticos, individuais ou em associações e os poderes evocativos surgidos a partir do contexto adequado à intencionalidade. A análise das relações semânticas internas ao texto lida com a estrutura significativa do conjunto, em configurações de sentido motivadas por ideias, atitudes e sensações apreendidas textualmente por meio da criatividade do autor manifestada na configuração da obra. Dessa maneira, o significado está intrinsecamente em consonância com o sentido textual.

A incoerência entre os universos real e linguístico causadora, muitas vezes, de deficiência no processo comunicativo, traz ao literário, contrariamente, o estabelecimento de sentidos impossíveis de serem retratados com a precisão unívoca da linguagem objetiva. Bréal (1992, p. 15) comenta que

Tentou-se muitas vezes encontrar sob as regras da gramática uma espécie de armadura lógica; mas a linguagem é ao mesmo tempo muito rica e pouco retilínea para prestar-se a essa demonstração. Ela extrapola a lógica por todos os lados. Além disso, suas categorias não coincidem com as do raciocínio: tendo um procedimento próprio, chega a construir grupos gramaticais que não se relacionam a uma concepção abstrata.

Então, os significados básicos podem não ser mantidos, e o novo sentido é possível por meio das imagens elaboradas no ambiente textual: **Dicionário** - (...) **Janela**: porta de ladrão / **Nuvem**: algodão que chove.

3.4 A partir das relações

Há inúmeras possibilidades de escolha que a língua portuguesa oferece ao campo sintático para a elaboração literária, tendo a estrutura geral da frase e o sistema de ordenação dos elementos, dos sintagmas, bem como a construção de concordâncias e relações especiais como fatos que elevam a maior poder evocativo favorável ao inusitado no texto. Os desvios e incorreções nos vários tipos de fenômenos sintáticos carregam a frase de tonalidade afetiva não conseguida com a manutenção e obediência fiel ao canônico, possibilitando a intromissão do impulso apelativo de acordo com a vontade do autor.

Da organização inesperada das palavras criam-se efeitos capazes de dar relevo à mensagem e, conseqüentemente, maleabilidade à significação. A intenção e a intensidade dos sentimentos a serem expressos encontram-se sujeitas às possibilidades de colocação das palavras no conjunto, assumindo valores especiais ou não, segundo essa mesma ordem. Da disposição das palavras, enfim, dependem a natureza do texto, o emprego literal ou figurado dos vocábulos e a ênfase a determinado termo. No poema *Portuguesa* : - *Manuel, quando é "agora"?* / - *Ora, pois, pois; / depois de antes ou antes de depois!*, a manipulação da ordem vocabular rompe a monotonia, favorecendo também o ritmo e a elegância textual ao abandonar a frase logicamente articulada, que é previsível e, portanto, de força expressiva reduzida, de modulação continuada e pouco importante. "Mesmo com um léxico modesto e com certa sequidão se pode criar prosa artística pela eficaz manipulação da sintaxe." (MARTINS, 2008, p. 173)

Considerações finais

A sensibilidade e a visão de mundo de José Paulo Paes refletem-se em seus textos por meio de manuseio habilidoso do material disponível do sistema linguístico, interagindo com o leitor, numa brincadeira que não se esgota, deixando em suspenso inúmeras possibilidades de 'jogadas'. Não há, então, como estabelecer o término deste estudo em que se buscou sempre o instrumental linguístico adequado para trabalhar o ludismo verbal instaurado.

O jogo de palavras não se reduz à simples utilização da língua, de maneira cotidiana e trivial. Ao contrário, viu-se que as formas do sistema linguístico prestam-

se, além de designar, a exprimir, a incitar, a favorecer o surpreendente, a espantar e ofuscar pelo tratamento a que são submetidas, levando o leitor a caminhos multidirecionais. A percepção do jogo não se prende a exclusivamente um tipo de leitor; mesmo aquele leigo, em se tratando de especialidades linguísticas, é capaz de usufruir a dinâmica textual, apesar de não identificar a pluralidade de recursos imbricados. E é precisamente esse fato que dá à produção do escritor um resultado final instigante, mostrando-se literariamente ilimitada, comprovando-se, no interrelacionamento das elaborações literárias, a dificuldade de se separarem os recursos disponibilizados pelo autor.

As imagens sensoriais estabelecem-se nos textos pela inegável destreza na manipulação das formas, (re)elaborando-as, filtradas do cotidiano e renovadas no literário. As regras construídas habilmente pelo autor aguçam os fios da sensibilidade, engendrando histórias, mostrando sensações, vivificando emoções que se abrem à vista e à vontade do leitor. O sistema linguístico direciona o olhar para o implícito, sem abandonar o explícito, revelando posicionamentos crítico-sociais, sentimentos e valores, não se limitando à exclusividade de um segmento, nem de modalidade de língua, nem de especificidade de leitor. O plural e o eclético são constantes e levam os textos a todos, em múltiplos contatos.

O autor destaca-se como alternativa para os professores, por exemplo, ao literário já conhecido e repetido, pois provoca a (re)descoberta de potencialidades, possibilitando, nas leituras, o (re)conhecimento da língua como um conjunto de recursos para aguçar a sensibilidade. "Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem." (BAKHTIN, 2011, p. 261). Desse modo, acontece uma análise informal e pouco ortodoxa de acordo com o artista que professa a palavra como instrumento de liberdade por meio do jogo verbal e do deleite. A relevância das palavras está na possibilidade de encantamento elaborado segundo a articulação entre elas, mostrando-se acima de tudo, suficientes para a vida. As palavras de José Paulo Paes bem o atestam:

Não se deve atribuir funções à poesia. Ela existe e basta, como a vida existe e basta. Essa é, aliás, o encanto da poesia. É uma coisa absolutamente inútil. Tanto quanto um passarinho, uma borboleta. Mas a poesia ajuda a fruir a vida. Já se disse que o poeta deve ver o mundo como se tivesse acabado de nascer. Deve ver o mundo como uma perene novidade, entender que as coisas nunca envelhecem, o que envelhece é o olhar sobre as coisas. As crianças entendem com mais facilidade isso, porque tudo para elas é naturalmente novidade.

Referências

- ALVES, I.M. *Neologismo*. Criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6 ed. São Paulo: EMF Martins Fontes, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.
- BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
- CÂMARA JR. J. M. Considerações sobre o estilo. In: *Dispersos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- _____. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Problemas de Linguística Descritiva*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CRESSOT, M. *O estilo e suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- GARCIA. O. M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 17 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- LAPA, M. R. *Estilística da Língua Portuguesa*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARQUES, M.H.D. *Iniciação à Semântica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística*. São Paulo: Edusp, 2008.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 2002.
- _____. *A estilística*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PAES, J. P. *É isso ali*. 10 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1993.
- _____. *Transleituras*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*. São Paulo: Atual, 1996.
- _____. *Olha o bicho*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Poemas para brincar*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Os perigos da poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- _____. *O menino de Olho d'água*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Um passarinho me contou*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Uma letra puxa outra*. 7 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

_____. *Lé com crê*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1998.

PEREIRA, M.T. A questão estilística. De problemas e de alternativas. In: PEREIRA, M.T. (org). *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

_____. Língua portuguesa e sedução: o binômio possível nos textos de literatura infanto-juvenil. In: *Perspectiva*, Ano 17, n. 31, Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

PERINI, M. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 2009.

RODARI, G. *Gramática da fantasia*. Trad. Antônio Negrini. 8 ed. São Paulo: Summus, 1982.

ULLMANN, S. *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado. Trad. J.A.Osório Mateus. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VALENTE, A. *A linguagem nossa de cada dia*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VANOYE, F. *Usos da linguagem*. Trad. Clarice Madureira Sabóia et al. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.